



asociación  
andaluza de antropología

# **NOSSA SENHORA DA PIEDADE (LOULÉ, ALGARVE) E VIRGEN DEL ROCÍO (ALMONTE, HUELVA): UM ESTUDO COMPARATIVO DOS SEUS TRASLADOS (1589-2019)**

**João Romero Chagas Aleixo**  
**Universidade Nova de Lisboa**

**ORCID:**

<https://orcid.org/0000-0002-1685-0750>

**EN**

**OUR LADY OF PIETY (LOULÉ, ALGARVE)  
AND VIRGEN DEL ROCÍO (ALMONTE,  
HUELVA): A COMPARATIVE STUDY OF  
THEIR TRANSFERS (1589-2019)**

**D.O.I.**

[https://doi.org/10.12795/  
RAA.2026.30.02](https://doi.org/10.12795/RAA.2026.30.02)

**CÓMO CITAR:**

Romero Chagas Alexio (2026). NOSSA SENHORA DA PIEDADE (LOULÉ, ALGARVE) E VIRGEN DEL ROCÍO (ALMONTE, HUELVA): UM ESTUDO COMPARATIVO DOS SEUS TRASLADOS (1589-2019). Revista Andaluza De Antropología, (30), 22–52.

## RESUMO

Desde, pelo menos, a Idade Moderna que as populações campestres pertencentes aos municípios de base económica eminentemente agrícola que se habituaram a fazer as chamadas «*preces ad petendam pluviam*» para que viesse chuva, elemento natural tão primordial para as boas colheitas agrícolas. As populações rurais, em caso de prolongados períodos de seca, pediam aos representantes políticos locais que solicitassem a vinda para a sede dos seus municípios das imagens sagradas que eles acreditavam ter poder para interceder junto do Altíssimo para que esse não se esquecesse de enviar a tão necessária água do céu. Deste modo, este artigo investiga as procissões extraordinárias da imagem de Nossa Senhora da Piedade para a vila de Loulé (Algarve Central) em comparação com os traslados da *Virgen del Rocío* para Almonte (Andaluzia Ocidental), comparando a organização, os anos e os motivos pelos quais esses traslados se verificaram, desde a ocorrência do primeiro traslado documentado, em 1589, até à celebração do último, em 2019.

**Palavras-chave:** Algarve; Andaluzia; Climatologia; Religiosidade popular; História Religiosa.

## ABSTRACT

Since at least the Modern Age, peasant populations in municipalities with a predominantly agricultural economy have been accustomed to performing the so-called “*preces ad petendam pluviam*” chants and prayers to bring rain, a natural element so essential for good agricultural harvests. In the event of prolonged periods of drought, rural populations would request local political representatives that sacred images, which they believed had the power to intercede with the Highest Powers, be brought to their municipalities so that God would not forget to send the much-needed water from the sky. This article investigates the extraordinary processions of the image of Nossa Senhora da Piedade (Our Lady of Piety) to the town of Loulé (in Central Algarve) in comparison with the transferring of the *Virgen del Rocío* to Almonte (in Western Andalusia). The comparison will take into account the organization, the time, and the reasons these transfers took place, from the first documented transfer in 1589 to the celebration of the more recent one in 2019.

**Keywords:** Algarve; Andalusia; Climatology; Popular religiosity; Religious History.

## INTRODUÇÃO<sup>1</sup>

O culto à *Virgen del Rocío* data, com grande probabilidade, da primeira metade do século XIV, uma vez que em 1335 já existem referências há existência de uma igreja em advocação a «Santa Maria de las Rocinas». Para, em 29 de Junho de 1653, a *Virgen del Rocío* ser, oficialmente, declarada patrona de Almonte (Díaz de la Serna, 2011).

Por outro lado, o culto a Nossa Senhora da Piedade, em Loulé (Algarve Central), foi fundado em meados do século XVI. Durante muitos anos a sua festividade anual era celebrada no recinto do complexo do santuário, isto é, no interior e no exterior da ermida, edificada, em 1553, pelo serralheiro Bartolomeu Fernandes, que se localiza a cerca de 2 kms da vila, agora cidade, de Loulé. E foi assim que se celebrou durante muitos séculos, sensivelmente até c. de 1825-1826, uma vez que a partir dessa década a sua Festa anual começou a celebrar-se na vila de Loulé (Magalhães, 1985; Aleixo, 2025; Aleixo, 2024c; Aleixo, 2024b; Aleixo, 2024a; Aleixo, 2016; Aleixo, 2014).

Nesse sentido, este artigo irá realizar um estudo comparado dos traslados (na sua denominação em castelhano) / procissões extraordinárias (na sua denominação em português) de ambas as populares devoções marianas para as sedes dos respectivos municípios: Almonte, na província de Huelva; Loulé, no distrito de Faro, região do Algarve. Assim sendo, tentar-se-á responder às seguintes «questões de partida»: Em que anos as duas imagens foram conduzidas, de forma extraordinária, para as sedes dos seus municípios? Existiu alguma ocasião em que ambas as padroeiras foram trasladadas para as sedes dos seus municípios no mesmo ano? Quem é que ordenava a realização dessas procissões extraordinárias? Quais foram os motivos invocados para as suas celebrações?

Refira-se o facto de o presente artigo compilar os traslados (sessenta e dois) e as procissões extraordinárias (nove) conhecidas e documentadas até ao momento, deixando a hipótese de, em futuras investigações historiográficas, historiadores e investigadores puderem vir a encontrar novos traslados/procissões extraordinárias não encontrados até ao momento.

Refira-se, ainda, que as denominações lexicais traslado e procissão extraordinária, significam o mesmo, mas para geografias diferentes. Porém, ao longo do artigo, utilizar-se-ão ambas as designações, por forma a respeitar a terminologia encontrada nas fontes pesquisadas, assim como a terminologia utilizada na bibliografia específica sobre este objecto de investigação.

## FONTES E METODOLOGIA

Para o estudo de caso dos traslados da *Virgen del Rocío* utilizou-se a mais moderna, actualizada, completa e documentada bibliografia sobre

---

1. Um agradecimento especial a D. Santiago Padilla Díaz de la Serna, Amigo, rociero, rociólogo e Presidente da Hermandad Matriz de Nuestra Señora del Rocío de Almonte, pela indicação e oferta de alguma bibliografia específica sobre a história dos traslados da *Virgen del Rocío* para Almonte.

a temática, isto é, a obra colectiva *Los Traslados de la Virgen del Rocío a la Villa de Almonte (Huelva), 1589-2019. Un exemplo de rogativas en la Historia de España* (Huelva, Ayuntamiento de Almonte, 2021), da autoria dos investigadores Domingo Muñoz Bort, Julio Flores Cala e Javier Coronel Cáceres, que compila, documentalmente, sessenta e dois traslados da *Virgen del Rocío* para Almonte, entre a cronología estudada.

Para o caso das procissões extraordinárias em honra de Nossa Senhora da Piedade, para a vila de Loulé, utilizaram-se um conjunto variado de fontes documentais. Nas fontes manuscritas investigou-se os *Livros de registo das Actas da Vereação*, entre 1731 e 1837, para aferir as deliberações das reuniões de vereação, assim como o *Livro de registo de contas da Confraria de Nossa Senhora da Piedade, 1751-1805*, para aferir alguma despesa com a realização das mesmas. Nas fontes impressas utilizou-se a *Revista Universal Lisbonense*, de 1849, que publicava, em todos os números, notícias e factos acontecidos nas províncias. E, finalmente, nas fontes periódicas investigou-se a imprensa local e regional.

A nível metodológico, numa primeira fase, procurou-se construir duas bases de dados por forma a sistematizar as principais informações relativas a cada um dos sessenta e dois traslados e das nove procissões extraordinárias registadas até ao momento (ano; causa/motivo para a sua realização; local de permanência na vila; data da vinda e data do regresso). De seguida, procedeu-se à análise desses dados, procurando-se analisar os principais motivos para a realização desses traslados, assim como descortinar convergências entre os dois maiores cultos marianos do Sudoeste Ibérico.

## 1. DOIS CASOS DE «ROGATIVAS A DEUS»

Segundo o climatologista Mariano Barriendos i Vallvé, que ao longo dos anos se tem dedicado ao estudo da climatologia histórica, a decisão de uma determinada comunidade humana de iniciar «rogativas a Deus», por causa de uma qualquer circunstância ambiental anómala e prejudicial, ocorre, normalmente, por duas motivações directas muito evidentes:

En primer lugar, las limitaciones tecnológicas propias de la sociedad europea de la Edad Media y la Edad Moderna, incluso hasta un tiempo después de iniciada ya la Revolución Industrial, hacen que las comunidades humanas sean sensibles a un gran número de circunstancias ambientales desfavorables. La falta de otro tipo de recursos, obligaba a la población a acudir a la religión para solicitar, por lo menos, unas condiciones meteorológicas propicias para obtener unas cosechas que garantizaran su subsistencia.

En segundo lugar, el carácter irregular del régimen pluviométrico en el clima mediterráneo generaba situaciones de 'stress' ante la necesidad de recursos hídricos, tanto para la agricultura como para los procesos productivos e incluso para disponer de energía hidráulica. La sucesión de comportamientos hídricos extremos, desde sequías prolongadas a inundaciones intensas, desbordaba por completo las capacidades tecnológicas para paliar los efectos negativos de este comportamiento. En definitiva, no quedaban muchos más recursos

que dirigirse al Todopoderoso mediante diferentes advocaciones para implorar el retorno a unas condiciones normales (Barriendos i Vallvé, 1999, p. 47).

Um costume que vinha de longe. Mais concretamente desde o século V, quando a Igreja Católica instituiu as chamadas «rogativas a Deus» por motivos ambientais. Estes tipos de rogativas, em formato de procissões de penitência, foram instituídos por São Mamerto, arcebispo de Viena, no ano de 469 (Fierro, 1991).

Mais tarde, no início do século XVIII, o regalismo dos monarcas espanhóis ajudou a fixar e a plasmar, em documentos oficiais, o funcionamento dessas rogativas. Foi através da *Real Cédula Instructoria* de 13 de Outubro de 1718 que ficou escrito aquilo que já se vinha praticando desde há séculos, mas que, até essa data, ainda não se encontrava regulamentado de forma oficial: a competência para decretar rogativas pertencia às autoridades municipais, cabendo à Igreja (clero local) a organização da respectiva actividade litúrgica competente (Barriendos i Vallvé, 1999, p. 47). Deste modo, as duas formas de rogativas mais conhecidas eram as denominadas «*preces ad petendam pluviam*», para que chovesse; e as chamadas «*preces pro serenitate*», para que acalmasse tempestades de aguaceiros intensos.

Actualmente, através da leitura das actas capitulares (para o caso andaluz), ou das actas de vereação (para o caso algarvio), consegue identificar-se o mecanismo que, na maior parte das situações, conduziu a este processo:

1.º) Os municípios e/ou as regiões são alvo de uma variação ou anomalia ambiental;

2.º) Um conjunto de pessoas – normalmente camponeses, agricultores ou jornaleiros – transmite a sua inquietude às autoridades municipais eleitas;

3.º) A governança municipal – conjunto de regidores (para o caso andaluz); e conjunto de vereadores (para o caso algarvio) – reúne-se, avalia o problema, decreta o tipo de rogativa a realizar e transmite a sua deliberação ao clero local;

4.º) O clero local recebe a deliberação do cabildo municipal e organiza os passos a serem dados para a realização da rogativa – normalmente uma procissão religiosa com a imagem da patrona (como se designa em Espanha) / padroeira (como se designa em Portugal) e missa(s) (parte litúrgica);

5.º) A rogativa é realizada, nos prazos e na forma pela qual foi decretada pelas autoridades municipais competentes (Magalhães, 1985, p. 1 e p. 4; Barriendos i Vallvé, 1999, pp. 47-48; Muñoz Bort, Flores Cala, y Coronel Cáceres, 2021, pp. 51-52).

Traslados que, pelo menos ao longo dos séculos XVI e XVII, eram inteiramente financiados pelo ayuntamiento de Almonte, que retirava o referido financiamento do seu «fondo de Propios e Arbitrios», conforme nos demonstrou o historiador e rociólogo Julio Mayo Rodríguez. O cabildo civil almonteño pagava à fábrica paroquial os custos da celebração das funções religiosas previstas na celebração dos traslados «en las ocasiones que se clama a su patrocinio por las necesidades públicas y fertilidades de sus campos» (Mayo Rodríguez, 2011, p. 92, nota 34; Mayo Rodríguez, 2012, p. 101).

## 2. OS TRASLADOS DA VIRGEN DEL ROCÍO PARA ALMONTE<sup>2</sup> E AS PROCISSÕES EXTRAORDINÁRIAS DA NOSSA SENHORA DA PIEDADE PARA LOULÉ<sup>3</sup>

No que diz respeito sobre a competência para deliberar os traslados/ procissões extraordinárias deve assinalar-se o facto de ambos os cultos estarem sob a alçada do padroado municipal, isto é, do poder civil municipal.

Deste modo, era nas sessões ordinárias ou extraordinárias do cabildo civil, para o estudo de caso andaluz, ou da vereação municipal, para o estudo de caso algarvio, que se debatia, estudava-se e deliberava-se os pedidos de «rogativas a Deus», normalmente solicitado pelas populações. Foi este o procedimento habitual, pelo menos desde 1597, ano em que o ayuntamiento de Almonte ficou encarregado de tudo o que se respeitava à *Virgen del Rocío* em virtude do testamento do almontino Baltasar Terceiro Ruiz (Muñoz Bort, Flores Cala, y Coronel Cáceres, 2021, p. 51).

Entre o século XVI e o início do século XX, ambos os municípios foram dois grandes centros rurais, sendo a sua principal base económica a agricultura.

Almonte caracterizava-se por ser um município de produção agro-pecuária, com destaque para a produção agro-ganadeira, assim como para uma agricultura de consumo maioritariamente local. Uma agricultura de subsistência com o predomínio da criação ganadeira extensiva, num território extenso, mas caracterizado por terras de baixa qualidade agrícola (Núñez Roldan, 1987; García-Barrón, 2020; Muñoz Bort, Flores Cala, y Coronel Cáceres, 2021; Ojeda Rivera, 2023). Além de se situar no cruzamento de caminhos que foram essenciais para a economia agro-ganaderia da Baixa Andaluza: o caminho real que unia Sanlúcar de Barrameda a Niebla e os caminhos que uniam a Moguer com o seu porto e o mar Oceano com o Aljarafe e Sevilha (Ojeda Rivera, 2023, pp. 590-591).

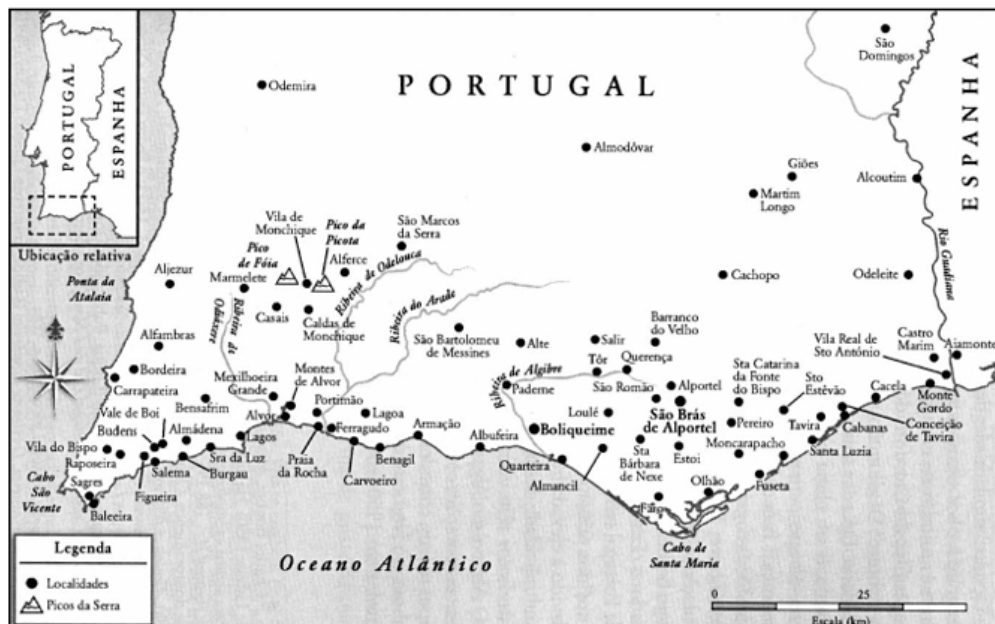
Por sua vez, Loulé era um dos grandes centros agrícolas do Algarve, tendo uma economia predominantemente de base agrícola, com a produção de frutos secos – figo, amêndoa e alfarroba – para o consumo local, mas, também, para exportação para mercados estrangeiros. A vila, localizada no centro do Algarve, sempre se caracterizou pelo seu dinamismo económico, e, em meados do século XIX (1864), passou mesmo a ser o concelho, e a respectiva sede de concelho, com maior população residente de toda a província (Simões, 2012; Magalhães, 2017, pp. 28-32; Aleixo, 2022, pp. 31-40 e pp. 171-172). E com a particularidade, verdadeiramente curiosa, de ambos os municípios fazerem parte do grupo dos municípios mais extensos, em área de superfície, dos seus respectivos países: Almonte, com 850 km<sup>2</sup> e Loulé com 765 km<sup>2</sup>.

---

2. Para se consultar uma relação de todos os traslados da *Virgen del Rocío*, da sua ermida para Almonte, veja-se o Anexo Documental n.º 1.

3. Para se consultar uma relação de todas as procissões de Nossa Senhora da Piedade, da sua ermida para Loulé, veja-se o Anexo Documental n.º 2.

## Mapa do Algarve



**Figura 1.** Mapa do Algarve. Fonte: Borges, 2018, p. 49.

Por tal, um dos meios de produção mais requeridos era a água, ou seja, a chuva que vinha do céu. A água das chuvas assumia um papel muito preponderante na vida económica e quotidiana das populações, uma vez que sem ela as colheitas morriam e os frutos estiolavam. E, desde sempre, foi assim – a ligação das populações campestres à importância da água das chuvas para a irrigação dos terrenos agrícolas.

Outro dos factores, por vezes também aludido, foi a incapacidade técnica para responder as más colheitas agrícolas produzidas em anos anteriores à carência de sementes para os cultivos, dificultando, por esse facto, o abastecimento de pão às populações, em geral, e à população de Almonte, em particular, pelo facto desse município conter no seu território grandes áreas de difícil cultivo (Ojeda Rivera, 2023, pp. 72-74).

O antropólogo social Isidoro Moreno ensina-nos que inúmeras festas do calendário religioso do ano Cristiano – Semana Santa, Santos patronos, Natal, entre outras – se celebram em si mesmas ou muito perto das datas de muitas das festas e rituais mais destacados da maioria das religiões de sociedades agrárias mediterrâneas, isto é, à volta dos equinócios e dos solstícios, ou seja, à volta dos momentos chave do ano solar. Que é o que regula os grandes ciclos da natureza e, por conseguinte, da agricultura. Deste modo, a Páscoa Cristiana, que comemora a ressurreição de Cristo, coincide, quase sempre, com a época em que ocorre a ressurreição da vida na natureza, isto é, normalmente o início de cada Primavera. E a própria data da fixação da Páscoa também se encontra indexada ao calendário lunar: a Semana Santa coincide com a primeira lua cheia da Primavera (Moreno, 2025, pp. 373-374).

Anos antes, o sociólogo das religiões Mircea Eliade tinha escrito que

A Primavera é uma ressurreição da vida universal e, por conseguinte, da vida humana. Por este acto cósmico, todas as forças de criação reencontram o seu vigor inicial. A vida é integralmente reconstituída; *tudo começa de novo*; em resumo, repete-se o acto primordial da criação cósmica, porque toda a regeneração é um novo nascimento, um regresso a esse tempo mítico em que apareceu, pela primeira vez, a forma que se regenera (Eliade, 1977, p. 371).

Tudo isto se explica se tivermos em conta que se trata de um mesmo complexo ritual: regeneração da veneração e regeneração do ano (lembramos que o novo ano, para muitos povos do Oriente antigo, começava no primeiro de Março) (Eliade, 1977, p. 373).

E era mesmo isso que acontecia – em Almonte, como em Loulé.

## **2.1. As procissões extraordinárias da Nossa Senhora da Piedade para Loulé (1733-1947)<sup>4</sup>**

As procissões extraordinárias definem-se em contraponto às procissões ordinárias – estas últimas também conhecidas por «Festa Pequena»<sup>5</sup> e por «Festa Grande»<sup>6</sup> –, e realizaram-se, por diversos motivos, fora do período da Páscoa Cristã. Eram extraordinárias justamente porque não se realizavam nas datas habituais, mas sempre que assim fosse requerido e decretado. Deste modo, pesquisando um conjunto variado de fontes primárias, conseguiu-se, até hoje, recensear nove dessas procissões, para um período compreendido entre 1733 e 1947. Mas quantas mais terá havido?

Veja-se, de seguida, o quadro-resumo em que se compilam alguns dados referentes a essas procissões extraordinárias:

---

4. Para uma abordagem mais completa a este assunto veja-se o estudo: ALEIXO, João Romero Chagas, «As Procissões em Honra de Nossa Senhora da Piedade na Vila de Loulé (1733-1947): das Procissões Extraordinárias à massificação das Procissões Ordinárias», in *al-ulyà, Revista do Arquivo Municipal de Loulé*, direcção de Pedro Serra, n.º 28, 2024, pp. 131-156.

5. A «Festa Pequena», recentemente denominada pelo clero louletano por «Festa da Páscoa», realiza-se, todos os anos, na tarde do Domingo de Ressurreição. Consiste na vinda da imagem de Nossa Senhora da Piedade da sua ermida, situada no cimo do Monte da Piedade que fica a 2 kms da cidade de Loulé, para a igreja da Ordem Terceira de São Francisco, situada em Loulé, onde permanecerá, para adoração e devoção dos fiéis, até ao Terceiro Domingo de Páscoa.

6. A «Festa Grande» realiza-se, todos os anos, no terceiro Domingo de Páscoa e é considerada a maior manifestação popular religiosa a Sul de Fátima. Depois de percorrida algumas das principais artérias da cidade de Loulé a imagem de Nossa Senhora da Piedade regressa, em clima de festa e de alegria, para a sua ermida, onde permanecerá até à Festa Pequena no próximo ano. O dia da «Festa Grande» é considerado o «Dia Maior dos Louletanos».

| <b>Data</b>                       | <b>Motivo da procissão</b>                                                                                                                                          | <b>Local onde permaneceu a imagem na vila de Loulé</b>                                |
|-----------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Finais de Março de 1733</b>    | «[...] que nos mande água» <sup>7</sup>                                                                                                                             | Igreja Matriz de São Clemente                                                         |
| <b>17 de Março de 1750</b>        | «[...] pella grande estrelidade do tempo e falta diagoas pella qual cauza estam os Campos perdidos siaras e fauais secos [...]» <sup>8</sup>                        | Convento dos Terceiros, em Loulé                                                      |
| <b>1773</b>                       | «[...] pela esterilidade de água» <sup>9</sup>                                                                                                                      | Igreja Matriz de São Clemente                                                         |
| <b>1 a 8 de Fevereiro de 1835</b> | «[que] se pratiquem as demonstracções de jubilo» pelo casamento da rainha D. Maria II com o príncipe Dom Augusto, Duque de Leuchtenberg, e Santa Cruz <sup>10</sup> | Igreja Matriz de São Clemente                                                         |
| <b>9 de Março de 1849</b>         | «[...] nos vemos consternados pelo estado da atmosfera, pois que há dois meses e meio não cai uma gota de água que adoce os campos» (Jara, 1849, p. 238)            |                                                                                       |
| <b>12 de Janeiro de 1856</b>      | Tremor de terra                                                                                                                                                     | Barracão, armado para o efeito, no Largo de São Francisco (Oliveira, 1989, pp. 62-63) |

7. Em 1738 a *Virgen del Rocío* foi trasladada para Almonte, sempre por motivos de seca, nos seguintes dias: 22 de Fevereiro (com regresso ao Rocío a 13 de Abril), 30 de Abril (com regresso ao Rocío a 20 de Maio) e, finalmente, a 26 de Maio (com regresso ao Rocío a 8 ou a 9 de Julho).

8. Sobre este tipo de traslado veja o estudo: Muñoz Bort, D., Flores Cala, J. y Coronel Cáceres, J., 2021, pp. 272-279.

9. Epidemia de peste que padeceu toda a região da Andaluzia.

10. Ameaça de epidemia de peste que assolava toda a costa de Málaga.

|                                    |                                                                                                                                              |                                                               |
|------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------|
| <b>20 de Abril de 1896</b>         | Procissão de penitência para pedir chuva<br>(«preces ad petendam pluviam»)                                                                   | Igreja da Ordem Terceira de São Francisco <sup>11</sup>       |
| <b>7 de Maio de 1899</b>           | Procissão de penitência para pedir chuva<br>(«preces ad petendam pluviam»)                                                                   | Igreja da Ordem Terceira de São Francisco <sup>12</sup>       |
| <b>24 e 25 de Dezembro de 1947</b> | Vinda da imagem peregrina de Nossa Senhora de Fátima à vila de Loulé, no âmbito das comemorações do 30.º aniversário das aparições de Fátima | Procissão pelas ruas de Loulé<br>(Magalhães, 2017, pp. 31-32) |

**Quadro 1.** *Procissões extraordinárias da Senhora da Piedade (1733-1947).* Fontes: A.M.L.P.J.R.M., Fundo da Câmara Municipal de Loulé, *Livro de registo das Actas da Vereação, 1731-1734*, fls. 266v.º-267, *Livro de registo das Actas da Vereação, 1748-1752*, fls. 176v.º-177, *Livro das Actas da Vereação de 1834-1837*, fls. 46v.º-47; A.M.L.P.J.R.M., Fundo da Confraria de Nossa Senhora da Piedade, *Livro de receita e despesa, 1751-1805*, fl. 80; Jara, 1849, p. 238; *O Louletano*, 4.º ano, n.º 171, edição de 19 de Abril de 1896, p. 1; «Virgem da Piedade», in *O Louletano*, 4.º ano, n.º 172, edição de 26 de Abril de 1896, p. 2; *O Pregoeiro*, n.º 41, de 11 de Maio de 1899, p. 1; Oliveira, 1989, pp. 62-63; Magalhães, 2017, pp. 31-32.

---

11. Epidemia de peste declarada nas regiões da Sicília e em Ceuta, que, através do tráfego marítimo proveniente dessas duas regiões, poderia ameaçar Almonte.

12. Epidemia de malária, também conhecida por epidemia de paludismo.

| Século | Número de procissões extraordinárias | Motivos invocados nas fontes (anos)                    |
|--------|--------------------------------------|--------------------------------------------------------|
| XVIII  | 3                                    | Seca (1733, 1750, 1773)                                |
| XIX    | 5                                    | Seca (1849, 1896 e 1899)                               |
|        |                                      | Casamento de S.A.R. D. Maria II (1835)                 |
|        |                                      | Tremor de terra (1856)                                 |
| XX     | 1                                    | 30.º aniversário sobre as «aparições de Fátima» (1947) |
| Total  | 9                                    |                                                        |

**Quadro 2:** *Resumo das procissões extraordinárias de Nossa Senhora da Piedade por motivos invocados.* Fonte: Aleixo, 2024a, p. 138.

Dois terços das procissões extraordinárias ficaram a dever-se a questões climáticas, nomeadamente à problemática da seca. Ao longo dos séculos XVIII e XIX o concelho de Loulé era um grande centro rural, sendo a sua principal base económica a agricultura. A água das chuvas assumia um papel muito preponderante na vida quotidiana das populações, uma vez que sem ela as colheitas morriam e os frutos estiolavam. E, desde sempre, foi assim – a ligação das populações campestres à importância da água das chuvas para irrigação dos terrenos agrícolas.

Segundo o historiador Joaquim Romero Magalhães, deve-se à falta de chuva e às consequentes «*preces ad petendam pluviam*» o início deste singular culto mariano, que, com o passar dos anos, se catapultou como o maior e mais popular culto mariano português a Sul de Fátima. Romero Magalhães propõe a sua hipótese historiográfica:

A Senhora da Piedade, desde cedo —talvez logo no século XVI— Passou a ser especialmente venerada pelas populações dos campos. Pediam-lhe piedade e, sobretudo, misericórdia. E a misericórdia que mais solicitavam era a de água em tempo de seca. Sem água a vegetação morre, o fruto estiola, vem a fome e a morte.

Água de Misericórdia: era o pedido que Loulé (e em nome de todos os mais abastados que compunham a vereação da vila) dirigia a Deus e aos santos. Mas dos santos o que mais ligado estava às populações rurais —e a vila é um centro rural— era a Senhora da Piedade.

As *preces ad petendam pluviam* dirigiam-se à Mãe para que demovesse o Filho, talvez esquecido ou a castigar pecados coletivos.

A intervenção religiosa oficial eclesiástica, pouco ou nada tinha inicialmente com o caso. Era popular e espontâneo o requerimento, quando muito encabeçado pela Câmara, autoridade civil e laica (Magalhães, 1985, p. 4).

Para, de seguida, concluir o seu processo explicativo:

Água indispensável aos campos, em especial nos fins de Março e princípios de Abril. Ora esse é o tempo da Páscoa. Aí a disciplina eclesiástica terá agido. Preces por água misturadas com a paixão não fariam sentido. Festa possível só depois da Páscoa — que não pode ultrapassar o 25 de Abril. Por que não conciliar uma fé e uma necessidade popular com o calendário religioso? Por que não fazer as rogativas em concordância com os tempos litúrgicos? (Magalhães, 1985, p. 4).

E a documentação municipal corrobora a proposta de Joaquim Romero Magalhães, uma vez que se consultando os *Livros de registo das Actas de Vereação* é justamente isso que se pode encontrar na documentação. Ao longo do século XVIII, pelo menos por duas ocasiões, foi decretado, em reunião de vereação, que a Nossa Senhora da Piedade fosse transportada para a vila para que se rezassem as «preces *ad petendam pluviam*» ao longo do mês de Março: em finais de Março de 1733, e, passado alguns anos, a 17 de Março 1750.

Romero Magalhães termina o seu ensaio historiográfico de forma poética:

Páscoa, alegria pela Ressurreição — ressurreição anual da Natureza — Mãe que tudo pode e manda — a Soberana.

Mãe-Soberana a mãe de fecundade — a Terra. Reminiscências dos velhos e indispensáveis cultos sem os quais não se dá sentido à vida, nem há vida.

O fascinante acontecimento anualmente renovado — ressurgido da Mãe-terra que precisa de água de Abril para ser a Mãe fecunda e criadora (Magalhães, 1985, p. 4).

## 2.2. Os traslados da *Virgen del Rocío* para Almonte (1589-2019)

Através de um alargado conjunto de fontes manuscritas (actas capitulares) e fontes periódicas (imprensa regional e nacional), os investigadores Domingo Muñoz Bort, Julio Flores Cala e Javier Coronel Cáceres conseguiram documentar um conjunto de sessenta e dois traslados, para o período compreendido entre 1589 e 2019. O que perfaz, em média, a realização de cada traslado a cada 6,935 anos, ou seja, a cada seis anos, onze meses e vinte e dois dias.

Atente-se, de seguida, às causas e/ou motivos invocados para a realização dos mesmos:

| Motivo invocado                       | N.º | Anos                                                                                                                      | % por motivos |
|---------------------------------------|-----|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------|
| <b>Seca (33)</b>                      | 1   | 1589                                                                                                                      | 53,22         |
|                                       |     |                                                                                                                           |               |
|                                       | 6   | 1607, 1636, 1638, 1653, 1675 e 1694                                                                                       |               |
|                                       |     |                                                                                                                           |               |
|                                       | 16  | 1700, 1703, 1709, 1711, 1720, 1726, 1730, 1734, 1737, 1738 (três vezes neste ano <sup>13</sup> ), 1750, 1752, 1753 e 1793 |               |
|                                       |     |                                                                                                                           |               |
|                                       | 5   | 1804, 1807, 1851, 1859 e 1896                                                                                             |               |
|                                       |     |                                                                                                                           |               |
|                                       | 5   | 1902, 1903, 1905, 1907 e 1929                                                                                             |               |
|                                       |     |                                                                                                                           |               |
| <b>De 7 em 7 anos<sup>8</sup> (8)</b> | 5   | 1970, 1977, 1984, 1991, 1998                                                                                              | 12,91         |
|                                       |     |                                                                                                                           |               |
|                                       | 3   | 2005, 2012, 2019                                                                                                          |               |
|                                       |     |                                                                                                                           |               |
|                                       |     |                                                                                                                           |               |
| <b>Epidemias várias (6)</b>           | 2   | 1649 <sup>14</sup> e 1678 <sup>15</sup>                                                                                   | 9,68          |
|                                       |     |                                                                                                                           |               |
|                                       | 2   | 1744 <sup>16</sup> e 1760 <sup>17</sup>                                                                                   |               |
|                                       |     |                                                                                                                           |               |
|                                       | 2   | 1855 <sup>18</sup> e 1887 <sup>19</sup>                                                                                   |               |
|                                       |     |                                                                                                                           |               |

13. Acção de graças pelo fim da epidemia de cólera morbo asiático que assolou Almonte nos anos de 1854-1855.

14. Acção de graças pelo fim da epidemia de cólera morbo asiático.

15. Inauguração e chegada da energia eléctrica a Almonte.

16. Acção de desagravo pela nova lei da II República que proibia a exibição de qualquer tipo de imagem religiosa na sede dos ayuntamientos. Deste modo, a 28 de Fevereiro de 1932, o novo executivo municipal de Almonte mandou retirar os quadros da *Virgen del Rocío* e do Sagrado Coração de Jesus da sede do ayuntamiento de Almonte, provocando uma grande revolta na maior parte do povo almonteño.

17. Bênção e reinauguração da paróquia de Almonte.

18. Vários motivos.

19. Guerra da Sucessão Espanhola (1701-1714).

|                                       |    |                                                                                   |      |
|---------------------------------------|----|-----------------------------------------------------------------------------------|------|
| <b>Várias (4)</b>                     | 4  | 1912 <sup>20</sup> , 1932 <sup>21</sup> , 1949 <sup>22</sup> e 1956 <sup>23</sup> | 6,45 |
|                                       |    |                                                                                   |      |
| <b>Guerras (4)</b>                    | 1  | 1706 <sup>25</sup>                                                                | 6,45 |
|                                       |    |                                                                                   |      |
|                                       | 1  | 1809 <sup>26</sup>                                                                |      |
|                                       |    |                                                                                   |      |
|                                       | 2  | 1926 <sup>27</sup> e 1939 <sup>28</sup>                                           |      |
|                                       |    |                                                                                   |      |
| <b>Obras e reformas na ermida (3)</b> | 3  | 1915 <sup>29</sup> , 1919 <sup>30</sup> e 1963 <sup>31</sup>                      | 4,84 |
|                                       |    |                                                                                   |      |
| <b>Chuvas e frio (3)</b>              | 3  | 1824 <sup>32</sup> , 1835 <sup>33</sup> e 1890 <sup>34</sup>                      | 4,84 |
|                                       |    |                                                                                   |      |
| <b>Catástrofes naturais (1)</b>       | 1  | 1755 <sup>35</sup>                                                                | 1,61 |
|                                       |    |                                                                                   |      |
| <b>Total</b>                          | 62 |                                                                                   | 100  |
|                                       |    |                                                                                   |      |

**Quadro 3:** *Resumo dos traslados da Virgen del Rocío, segundo os motivos indicados nas fontes (1589-2019).* Fonte: Muñoz Bort, Flores Cala, y Coronel Cáceres, 2021, p. 27, pp. 71-74, pp. 91-92, p. 110, pp. 130-131, pp. 176-179.

20. Perigo por causa da Invasão das tropas francesas, que veio a originar a Guerra da Independência (1808-1814).

21. Acção de graças pelo fim da Guerra do Rife, também conhecida por Segunda Guerra de Marrocos (1920-1926).

22. Acção de graças pelo fim da Guerra Civil de Espanha (1936-1939).

23. Restauração da ermida.

24. Restauração do retábulo e do camarim da *Virgen del Rocío*, na ermida.

25. Edificação do actual santuário.

26. Preces «pro serenitate».

27. Preces «pro serenitate».

28. Preces «pro serenitate».

29. Restauração da ermida.

30. Restauração do retábulo e do camarim da *Virgen del Rocío*, na ermida.

31. Edificação do actual santuário.

32. Preces «pro serenitate».

33. Preces «pro serenitate».

34. Preces «pro serenitate».

35. Grande Terramoto de Lisboa.

Deve, ainda, registrar-se a necessidade histórica e sentimental que os almonteños têm de trasladar a sua patrona para Almonte, uma vez que só assim se compreende o início da tradição de um novo traslado a cada sete anos. Este novo tipo de traslado, digamos que «estatutário», ficou a dever-se ao facto de a *Virgen del Rocío* começar a ser trasladada para Almonte de forma cada vez mais esporádica, e, por tal forma, espaçada no tempo. Situação que provocava uma grande ansiedade e inquietação na maior parte dos almonteños. Para essa diminuição dos traslados, em muito contribuíram dois diferentes factores de progresso: os avanços tecnológicos nos sistemas de rega, que vieram colmatar a seca; e os progressos científicos na área da medicina, que vieram colmatar as epidemias e aliviar outras enfermidades em geral.

Assim sendo, a partir da década de 1960, surge a necessidade e a preocupação de regular esses traslados, mesmo que não houvesse nenhum motivo em concreto para que os mesmos se realizassem. E é, assim, que, desta forma, em 1970, celebra-se o primeiro traslado pela nova regra dos sete em sete anos, que, neste presente ano de 2026, irá celebrar-se, pela nova vez desde 1970, sempre nas mesmas datas do calendário, isto é, entre 19 de Agosto (saída da aldeia do Rocío) e 20 de Agosto (chegada a Almonte). Em Almonte permanecerá durante nove meses, na igreja paroquial de Nossa Senhora da Assunção, até ao Domingo imediatamente anterior à Romaria Grande – celebrada sempre no Domingo de Pentecostes, isto é, cinquenta dias depois do Domingo de Páscoa – do próximo ano, que, em 2027, celebrar-se-á no dia 16 de Maio (Muñoz Bort, Flores Cala, y Coronel Cáceres, 2021, pp. 272-279).

| Século | N.º de procissões | Anos                                                                                                      | % de Traslados motivados por seca por séculos |
|--------|-------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------|
| XVI    | 1                 | 1589                                                                                                      | 3,04                                          |
| XVII   | 6                 | 1607, 1636, 1638, 1653, 1675, 1694                                                                        | 18,18                                         |
| XVIII  | 16                | 1700, 1703, 1709, 1711, 1720, 1726, 1730, 1734, 1737, 1738 (três vezes neste ano), 1750, 1752, 1753, 1793 | 48,48                                         |
| XIX    | 5                 | 1804, 1807, 1851, 1859, 1896                                                                              | 15,15                                         |
| XX     | 5                 | 1902, 1903, 1905, 1907, 1929                                                                              | 15,15                                         |
| Total  | 33                |                                                                                                           | 100                                           |

**Quadro 4.** *Resumo das «venidas» da Virgen del Rocío, da sua ermida para Almonte, por motivos de seca (por séculos).* Fonte: Muñoz Bort, D., Flores Cala, J. y Coronel Cáceres, J., 2021, p. 27 e pp. 176-179.

### 3. UMA COMPARAÇÃO DOS TRASLADOS ENTRE OS DOIS MAIORES CULTOS MARIANOS DO SUDOESTE IBÉRICO

Realizando um exercício de comparação entre os traslados/procissões extraordinárias realizados nestes dois cultos marianos do Sudeste Ibérico verifica-se o caso curioso de em três anos – 1734, 1750 e 1896 – a *Virgen del Rocío* ter sido trasladada para Almonte, justamente por motivos de seca, situação idêntica ao verificado para o caso de Loulé, em que, pelo mesmo motivo, a Nossa Senhora da Piedade veio em procissão extraordinária para a vila em 1733, 1750 e 1896 (Aleixo, 2024a, pp. 134-135 e pp. 150-152). Analisando-se as datas dos referidos traslados/procissões extraordinárias regista-se o facto, bastante curioso, de em dois anos – 1750 e 1896 – ambas as imagens terem sido trasladadas com poucos dias de diferença, e, num outro – 1733/1734 –, com apenas onze meses de diferença.

| Anos               | Ida da Nossa Senhora da Piedade para Loulé | Ida da <i>Virgen del Rocío</i> para Almonte |
|--------------------|--------------------------------------------|---------------------------------------------|
| <b>1733 / 1734</b> | Finais de Março de 1733                    | Inícios de Março de 1734                    |
| <b>1750</b>        | 17 de Março                                | 9 de Março                                  |
| <b>1896</b>        | 20 de Março                                | c. 15 de Março                              |

**Quadro 5.** *Datas dos traslados/procissões extraordinárias, por motivos de seca, celebrados nos anos de 1733/1734, 1750 e 1896.* Fontes: A.M.A., *Libro de las Actas Capitulares*, 1734, sesión de 6 de Marzo de 1734; A.M.L.P.J.R.M., *Fundo da Câmara Municipal de Loulé, Livro de registo das Actas da Vereação*, 1731-1734, fls. 266v.º-267; *Livro de registo das Actas da Vereação*, 1748-1752, fls. 176v.º-177; Muñoz Bort, D., Flores Cala, J. y Coronel Cáceres, J., 2021, p. 362, pp. 369-371, p. 390; *O Louletano*, 4.º ano, n.º 171, de 19 de Abril de 1896, p. 1; *O Louletano*, 4.º ano, n.º 172, de 26 de Abril de 1896, p. 2; Díaz de la Serna, 2018.

Evidências cronológicas que provam que, pelo menos em 1733/34, 1750 e 1896, os fenómenos meteorológicos de seca severa já devastavam, em simultâneo, os campos agrícolas do Sudoeste Ibérico (Muñoz Bort, Flores Cala, y Coronel Cáceres, 2021, pp. 25-35).

Neste caso, cabia ao conjunto dos regidores/vereadores municipais saberem interpretar a vontade do conjunto dos habitantes dos respectivos municípios, que, normalmente por falta de água, pediam a intercessão das suas padroeiras e protectoras junto do seu filho Jesus. Para tal mandavam conduzir as Virgens para a sede dos municípios, para que, dessa forma, melhor pudessem organizar e realizar as chamadas «*preces ad petendam pluviam*», isto é, «*rogativas a Deus*» para que o Altíssimo não se esquecesse de enviar a tão necessária água para os campos. E é isso mesmo que a documentação confirma, conforme, por exemplo, se pode ler em várias actas capitulares ou de vereação de ambos os municípios. Veja-se, a título de exemplo, uma acta capitular do município de Almonte para o ano de 1653:

En este Cavildo el dicho señor Corregidor Propuso al Cavildo como bien se estava viendo las grandes nesesidades que se estan Padeciendo Por la falta de las aguas con que las sementeras y Panes estan amenasando muy corta cosecha, con que se alcansan las hambres unas a otras [...] (apud Muñoz Bort, Flores Cala, y Coronel Cáceres, 2021, pp. 352-353).

Por outro lado, se se proceder à análise dos meses dos traslados/ procissões extraordinárias, celebrados por motivos de seca, verifica-se que a maior parte deles ocorreu nos meses em que a chuva – por vezes também denominada, na documentação, por «água da Primavera» – assumia o papel mais importante para as colheitas agrícolas, isto é, justamente nos meses de Março e de Abril, conforme se pode comprovar através dos seguintes quadros-resumo:

| Mês                   | Ano                                                                    |
|-----------------------|------------------------------------------------------------------------|
| Janeiro (1)           | 1753                                                                   |
| Fevereiro (3)         | 1737, 1738, 1807                                                       |
| Março (5)             | 1636, 1720, 1734, 1750, 1859                                           |
| Abril (12)            | 1607, 1638, 1653, 1694, 1700, 1703, 1711, 1730, 1738, 1896, 1903, 1907 |
| Maio (1)              | 1738                                                                   |
| Junho (1)             | 1902                                                                   |
| Julho (1)             | 1709                                                                   |
| Novembro (2)          | 1726, 1929                                                             |
| Dezembro (1)          | 1851                                                                   |
| Não se sabe o mês (6) | 1589, 1675, 1752, 1793, 1804, 1905                                     |

**Quadro 6:** Meses em que se realizaram os traslados da Virgen del Rocío por motivos de seca. Fonte: Elaboração própria.

| Mês                   | Ano               |
|-----------------------|-------------------|
| Março (3)             | 1733, 1750 e 1849 |
| Abril (1)             | 1896              |
| Maió (1)              | 1899              |
| Não se sabe o mês (1) | 1773              |

**Quadro 7.** Meses em que se realizaram as procissões extraordinárias da Senhora da Piedade por motivos de seca. Fonte: Elaboração própria.

Secas e secas extremas que, com o passar dos anos, deixaram de ser motivo para a organização destes traslados: o último traslado para Almonte, por motivo de seca, aconteceu a 27 de Novembro 1929 (Muñoz Bort, Flores Cala, y Coronel Cáceres, 2021, pp. 128-130); a última procissão extraordinária para Loulé, pelo mesmo motivo, celebrou-se a 7 de Maio de 1899 (Aleixo, 2024a, p. 153). A modernização da ciência, com um conjunto de importantes inovações tecnológicas introduzidas na agricultura — adubos, químicos, sistema de rega automática, maximização na irrigação das plantações, entre muitas outras — fizeram com que esta anomalia climatológica, tão comum ao longo dos séculos XVII, XVIII e XIX, deixasse se fustigar as populações mais agrárias ou agrícolas.

Refira-se, por outro lado, que na documentação só se conseguiu encontrar três traslados por motivo de «*preces pro serenitate*» — 1824, 1835 e 1890 — situação que parece não ter preocupado e fustigado muito a população de Almonte. Facto facilmente explicado pela orografia do município de Almonte e pelos seus muitos «arroyos» de água, isto é, caudais e/ou riachos, que, pelo seu rápido desaguio, concorriam para mitigar os efeitos negativos, ainda que pudessem atrasar, por alguns dias, os trabalhos agrícolas (Muñoz Bort, Flores Cala, y Coronel Cáceres, 2021, p. 32).

|                          | N.º total de procissões extraordinárias | Média temporal entre procissões | N.º total de procissões extraordinárias por motivo de seca | Média temporal entre procissões |
|--------------------------|-----------------------------------------|---------------------------------|------------------------------------------------------------|---------------------------------|
| Virgen del Rocío         | 62<br>(1589-2019)                       | 6,95 anos                       | 33<br>(1589-1929)                                          | 10,33 anos                      |
| Nossa Senhora da Piedade | 9<br>(1733-1947)                        | 23,88 anos                      | 6<br>(1733-1896)                                           | 27,83 anos                      |

**Quadro 8.** Comparação entre os traslados e as procissões extraordinárias Fonte: Muñoz Bort, Flores Cala, y Coronel Cáceres, 2021, p. 27 e pp. 176-179.

Entre os séculos XVIII e XX a Virgen del Rocío foi trasladada cinquenta vezes para a vila de Almonte – os restantes traslados ocorreram ao longo dos

séculos XVI (1), XVII (8) e XXI (3) –, sendo que vinte e seis desses traslados se ficaram a dever a motivos de seca – sempre o motivo mais recorrente. Ao invés, entre os séculos XVIII e XX, a Virgem louletana foi processionada, de forma extraordinária, em nove ocasiões, sendo seis delas por motivos de seca. Podendo assim concluir-se que a seca foi, ao longo dos séculos, a principal causa para a realização desses traslados/procissões extraordinárias nestes dois cultos marianos do Sudoeste ibérico.

Por outro lado, procedendo-se a uma análise dos intervalos temporais entre estes traslados/procissões extraordinárias verifica-se, também nesse cômputo, grandes disparidades. Enquanto a *Virgen del Rocío* foi trasladada, em média, uma vez a cada 6,95 anos; a Nossa Senhora da Piedade foi processionada, em média, uma vez a cada 23,88 anos. Se tivermos em conta somente os traslados/procissões extraordinárias por motivos de seca essas médias temporais aumentam, com a *Virgen del Rocío* a ser translada para Almonte a cada 10,33 anos e a Nossa Senhora da Piedade a vir para Loulé a cada 27,83 anos.

Por outro lado, tendo o Algarve passado por um conjunto de sismos, alguns deles passado à história com a denominação de «Sismo do Algarve» (1719, 1721, 1722 e 1856), a que se deve acrescentar o «Sismo de Lisboa» (1755) e o «Sismo de Portugal» (1969); e por diversos conflitos militares (Invasões Francesas, 1808-1914; Guerra Civil de Sucessão ao Trono, também conhecida por «Guerras Liberais» ou por «Guerra Miguelista», 1832-1834), somente o sismo de 12 de Janeiro de 1856 é que justificou a realização de uma procissão extraordinária. Pelo contrário, para estudo de caso da *Virgen del Rocío* tais situações – catástrofes naturais e conflitos militares – originaram um conjunto diversificado de cinco traslados: em 1706 (Guerra da Sucessão Espanhola), em 1755 (Grande Terramoto de Lisboa), em 1809 (perigo por causa das Invasões francesas que veio a originar a Guerra da Independência Espanhola), em 1926 (acção de graças pelo final da «Guerra do Rife», também conhecida por «Segunda Guerra Marroquina») e, finalmente, em 1939 (acção de graças pelo final da Guerra Civil de Espanha de 1936-1939).

Este estudo deixa também indiciar que no Algarve as epidemias – de peste, malária ou cólera – não se fizeram sentir de forma tão forte e marcante como na região da Andaluzia, porque só assim se compreende o facto de não ter havido procissões extraordinárias para Loulé nos anos em que houve traslados, por estes motivos, para Almonte: em 1649 (epidemia de peste que assolou toda a Andaluzia), em 1678 (ameaça de epidemia de peste que assolava toda a costa da província de Málaga), em 1744 (epidemia de peste declarada na Sicília e em Ceuta, que, através do tráfico marítimo, ameaçava o município de Almonte), em 1760 (epidemia de malária), em 1855 (acção de graças pelo fim da epidemia de cólera morbo asiático) e em 1887 (acção de graças pelo fim da epidemia de cólera morbo asiático).

Andaluzia Ocidental, em geral, e Almonte, em particular, especialmente expostas a possíveis surtos de epidemias pelo tráfico marítimo internacional que chegava a dois dos portos mais movimentados de toda a Andaluzia: Sanlúcar de Barrameda e Cádiz.

Neste particular, lembre-se que Sanlúcar de Barrameda foi um porto de carga, descarga e depósito de mercadorias que saíam de Sevilha ou vinham da América. Deste modo, por forma a que estas grandes

embarcações, contendo um grande calado e tonelagem, não encalhassem ao longo do Guadalquivir, a Casa da Contratação de Sevilha ordenou que as mesmas aportassem no porto de Sanlúcar de Barrameda. Medida que veio a favorecer o tráfico comercial por terra, entre Sanlúcar de Barrameda e os vários municípios das províncias de Sevilha e de Huelva (Mayo Rodríguez, 2012, p. 89, nota 8).

Deste modo, por esses séculos, Sanlúcar de Barrameda e Cádiz representavam dois dos maiores portos marítimos e entrepostos comerciais do tráfego de pessoas e de mercadorias com as Américas e com outros portos internacionais, conforme nos prova um conjunto de actas capitulares, datadas de 1744, que descrevem o perigo de uma epidemia de peste já declarada na Sicília e em Ceuta, que, mais tarde, poderia vir a ameaçar a população de Almonte (Muñoz Bort, Flores Cala, y Coronel Cáceres, 2021, pp. 91-92).

## CONCLUSÃO

Os traslados/procissões extraordinárias aqui estudados foram, na sua esmagadora maioria, competência deliberativa do poder municipal. Foi assim nos dois municípios do Sudoeste Ibérico. E praticamente durante o mesmo período – entre o final do século XVI e o início do século XX.

A deliberação e organização dos mesmos era competência municipal, pelo que, hoje em dia, consegue saber-se da existência de muitos deles através da leitura das actas capitulares/actas de vereação de ambos os municípios, fonte manuscrita essencial para o estudo deste objecto de investigação. Nesse tipo de fonte primária e manuscrita, consegue ficar a saber-se um conjunto muito rico e preciso de informações: ocorrência de fenómenos climáticos prejudiciais ao modo de vida das populações (seca, seca severa, chuvas fortes, frio, sismos, terremotos, epidemias várias); existência de maus anos agrícolas; conjunto de pessoas ou grémio profissional que requereu os traslados/procissões extraordinárias; datas da vinda e do regresso das patronas/padroeiras às suas ermidas; local definido onde as mesmas permaneceriam nas vilas; por vezes os valores de algumas despesas efectuadas com os traslados/procissões extraordinárias; e, no estudo de caso louletano-algarvio, até os homens nomeados para transportar o andor e segurar nas varas do pálido processional. Fontes de uma grande riqueza informativa.

O mecanismo mais habitual para solicitar as chamadas «rogativas a Deus» foi, normalmente, o seguinte: 1.º) os municípios eram assolados por alguma alteração climática; 2.º) as populações requeriam ao cabildo civil que este deliberasse um traslado da patrona/padroeira para o município; 3.º) o cabildo civil reunia-se, em reunião de vereação, e estipulava as datas para a celebração do traslado; 4.º) o cabildo civil informava o cabildo eclesiástico da sua deliberação, ficando, este último, encarregado de organizar todos os actos referente ao culto.

Ao longo da Época Moderna e do início da Época Contemporânea, Almonte e Loulé eram dois municípios de economia de base agrícola, isto é, em que a esmagadora maioria das populações trabalhava na agricultura e vivia da agricultura. Deste modo, qualquer alteração climática colocava em causa a subsistência, os rendimentos e o bem-estar das populações. A seca era sinónimo de más colheitas. As más colheitas eram, quase sempre,

sinónimo de escassez de pão. E a escassez de pão era sinónimo de fome generalizada das suas populações. Era todo um círculo vicioso. Assim sendo, qualquer alteração climática grave (seca, seca severa ou inundação), ou catástrofe natural (sismo ou terramoto), era vista pelas popula  es como motivo suficiente para requerer, junto dos regidores/vereadores, a vinda das sagradas padroeiras para as respectivas vilas. Essa foi a causa mais invocada para a realiza  o de traslados/procissões extraordinárias nestes dois cultos marianos: trinta e sete (trinta e três por motivo de seca, três por motivo de chuvas e de frio e mais uma pela Grande Terramoto de Lisboa de 1755) para o caso da vinda da *Virgen del Rocío* para Almonte; e sete (seis por motivos de seca, a que se deve acrescentar mais um pelo «Sismo do Algarve» de 1856) para o caso da vinda da Nossa Senhora da Piedade para Loulé.

Por outro lado, o tráfico marítimo nacional e internacional que chegava aos portos da Andaluzia, nomeadamente a Cádiz e a Sanlucar de Barrameda, trazia, por vezes, tripula  o infectada com algum tipo de vírus, que, rapidamente, se alastrava pela sub-região da Andaluzia Ocidental (Huelva, Cádiz e Sevilha). Por tal, outro dos motivos mais invocados para os traslados foram os surtos epid  micos (peste, malária ou cólera) que assolaram as províncias da Andaluzia Ocidental em geral, e o município de Almonte em particular.

Conclui-se, deste modo, que a *Virgen del Rocío* foi translada mais vezes para a sede do seu município. No culto mariano andaluz os motivos invocados foram ainda mais diversos quando comparado com o culto mariano algarvio. Analisando os motivos das procissões verifica-se que as questões climáticas, nomeadamente a seca extrema, foi a causa mais invocada.

O presente artigo constitui, assim, uma inovadora análise comparativa aos traslados históricos celebrados nos dois maiores cultos marianos do Sudoeste Ibérico, acerca da finalidade que representaram, no passado, estas formas de devo  o e de religiosidade popular no contexto sócio-religioso destes dois municípios, fortemente marcados pelo patronato das suas maiores devo  es marianas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### 1. FONTES MANUSCRITAS

#### ARCHIVO MUNICIPAL DE ALMONTE

Archivo Municipal de Almonte, Fondo del Ayuntamiento, *Libro de las Actas Capitulares*, 1653, sesión de 25 de April de 1653.

Archivo Municipal de Almonte, Fondo del Ayuntamiento, *Libro de las Actas Capitulares*, 1734, sesión de 6 de Marzo de 1734.

#### ARQUIVO MUNICIPAL DE LOULÉ — PROFESSOR JOAQUIM ROMERO MAGALHÃES

Arquivo Municipal de Loulé — Professor Joaquim Romero Magalhães, Fundo da Câmara Municipal de Loulé, *Livro de registo das Actas da Vereação da Câmara Municipal de Loulé*, 1731-1734, fls. 266v.º-267.

Arquivo Municipal de Loulé — Professor Joaquim Romero Magalhães, Fundo da Câmara Municipal de Loulé, *Livro de registo das Actas da Vereação da Câmara Municipal de Loulé*, 1748-1752, fls. 176v.º. -177.

Arquivo Municipal de Loulé — Professor Joaquim Romero Magalhães, Fundo da Câmara Municipal de Loulé, *Livro de registo das Actas de Vereação da Câmara Municipal de Loulé*, 1834-1837, fls. 46v.º-47.

Arquivo Municipal de Loulé — Professor Joaquim Romero Magalhães, Fundo da Confraria de Nossa Senhora da Piedade, *Livro de registo de contas da Confraria de Nossa Senhora da Piedade*, 1751-1805, fl. 80.

### 2. FONTES IMPRESSAS

Jara, J. J. (1849). Devoção no Algarve». *Revista Universal Lisbonense*, 2.ª série, 1 (20), 22 de Março de 1849, 238.

Magalhães, Joaquim Romero (2017). Loulé em vista rasante. Das origens até 1950. In António Carvalho, Livia Cristina Coito, Rui Roberto de Almeida e Susana Toureiro (Eds.), *Loulé: Territórios, Memórias, Identidades* (pp. 28-32). Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia e Loulé: Museu Municipal de Loulé.

Oliveira, Ataíde (1989 [1905]). *Monografia do Concelho de Loulé* [3.ª edição, edição fac-similada]. Faro: Algarve em Foco Editora.

### 3. FONTES PERIÓDICAS

*El Movimiento Católico*, Madrid, edición de 24 de Abril de 1896.

*La Provincia*, edición de 20 de Abril de 1896.

*O Louletano*, 4.º ano, n.º 171, Loulé, edição de 19 de Abril de 1896, p. 1.

*O Louletano*, 4.º ano, n.º 172, Loulé, edição de 26 de Abril de 1896, p. 2.

*O Pregoeiro*, n.º 41, Loulé, edição de 11 de Maio de 1899, p. 1.

#### 4. ESTUDOS

Aleixo, João Romero Chagas (2025). O 'Paradoxo Mãesoberaneiro': uma interpretação. *Folha do Domingo*, edição de 23 de Abril de 2025. <https://folhadodomingo.pt/o-paradoxo-maesoberaneiro-uma-interpretacao/>.

Aleixo, João Romero Chagas (2024c). Nossa Senhora da Piedade de Loulé: da primitiva 'Festa da Senhora' à criação da 'Festa da Piedade' (Três séculos de história). *Folha do Domingo*, edição de 26 de Junho de 2024. <https://folhadodomingo.pt/nossa-senhora-da-piedade-de-loule-da-primitiva-festa-da-senhora-a-criacao-da-festa-da-piedade-tres-seculos-de-historia/>.

Aleixo, João Romero Chagas (2024b). Festa de Nossa Senhora da Piedade, Mãe Soberana dos Louletanos: a Maior Criação Popular Louletana». *Folha do Domingo*, edição de 16 de Julho de 2024. <https://folhadodomingo.pt/festa-de-nossa-senhora-da-piedade-mae-soberana-dos-louletanos-a-maior-criacao-popular-louletana/>.

Aleixo, João Romero Chagas (2024a). As Procissões em Honra de Nossa Senhora da Piedade na Vila de Loulé (1733-1947): das Procissões Extraordinárias à massificação das Procissões Ordinárias. *al-ulyà, Revista do Arquivo Municipal de Loulé*, 28, 131-156.

Aleixo, João Miguel Romero Chagas Viegas (2022). *A migração de andaluzes para o Algarve (150-1914): os casos de Loulé e de Vila Real de Santo António*. [Tese de Doutoramento em História Contemporânea, Universidade Nova de Lisboa]. <http://hdl.handle.net/10362/143689>

Aleixo, João Romero Chagas (2016). *Mãe Soberana. Estudos. Ensaios. Crónicas*. Loulé: Câmara Municipal de Loulé.

Aleixo, João Miguel Romero Chagas Viegas (2014). *O culto a Nossa Senhora da Piedade, Mãe Soberana dos Louletanos, em Loulé (1806-2013)*. [Tese de Mestrado em História, Universidade Nova de Lisboa]. <http://hdl.handle.net/10362/12222>

Barriendos i Vallvé, Mariano (1999). La climatología histórica em el marco geográfico de la antigua monarquía hispana. *Scripta Nova. Revista electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*, 53, 32-54.

Borges, Marcelo J. (2018). *Correntes de Ouro. Emigração Portuguesa para a Argentina em Perspectiva Regional e Transatlântica*. Lisboa: I.C.S. Imprensa de Ciências Sociais.

Comelles, Josep Maria (1984). Los caminos del Rocío. En Salvador Rodríguez-Becerra (Ed.), *Antropología cultural de Andalucía* (pp. 425-446). Sevilla: Departamento de Antropología y Flokllore, Instituto de Cultura Andaluza.

Eliade, Mircea (1977). *Tratado de História das Religiões*. Lisboa: Edições Cosmos.

Flores Cala, Julio (2005). *Historia y documentos de los Traslados de la Virgen del Rocío a la villa de Almonte: 1607-2005*. Almonte: Centro de Estudios Rocieros, Ayuntamiento de Almonte.

Fierro, Alfred (1991). *Histoire de la météorologie*. S./l.: Denoel.

García-Barrón, Leonardo (2020). Aportación de los 'traslados' de la Virgen del Rocío al conocimiento del clima histórico (siglos XVII-XIX) en el SO de la península Ibérica. *Revista de Climatología*, 20, 89-102.

Magalhães, Joaquim Romero (1985). A Mãe-Soberana (Uma interpretação). *A Voz de Loulé*, n.º 1034, edição de 25 de Abril de 1985, p. 1 e p. 4.

Mayo Rodríguez, Julio (2023). Introducción Histórica. *Catálogo de la exposición Jubilar Rocío*. Almonte: Hermandad Matriz de Nuestra Señora del Rocío de Almonte.

Mayo Rodríguez, Julio (2017). Rocío, patrona de Almonte. *Revista EXVOTO: para el fomento y la difusión del conocimiento de la devoción popular a Santa María del Rocío que se venera en su Santuario de Almonte (Huelva)*, VII (6), 15-48.

Mayo Rodríguez, MAYO RODRÍGUEZ, Julio, «Rocío. Água bendita del Cielo». *ABC de Sevilla*, edición de 15 de Mayo de 2016.

Mayo Rodríguez, Julio (2012). Rocío del cielo, siempre en camino. Sumario de venidas y llevadas durante la Edad Moderna (I). Siglos XVI y XVII. *Revista EXVOTO: para el fomento y la difusión del conocimiento de la devoción popular a Santa María del Rocío que se venera en su Santuario de Almonte (Huelva)*, II (1), 83-120.

Mayo Rodríguez, Julio (2012). Otros Traslados antiguos de la Virgen de El Rocío. *ABC de Sevilla*, edición de 19 de Agosto de 2012, p. 71.

Mayo Rodríguez, Julio (2011). El Rocío y la Guerra de la Independencia. *Revista EXVOTO: para el fomento y la difusión del conocimiento de la devoción popular a Santa María del Rocío que se venera en su Santuario de Almonte (Huelva)*, I (0), 79-126.

Moreno, Isidoro (2025). *La Semana Santa de Isidoro Moreno. La outra mirada*. Córdoba: Almuarza.

Muñoz Bort, Domingo, Flores Cala, Julio y Coronel Cáceres, Javier (2021). *Los Traslados de la Virgen del Rocío a la Villa de Almonte (Huelva), 1589-2019. Un exemplo de rogativas en la Historia de España*. Almonte: Ayuntamiento de Almonte.

Murphy, Michael D., González Faraco, J. (2002). El Rocío: la evolución de una Aldea Sagrada. En Michael D. Murphy y J. Carlos González Faraco (Eds.), *El Rocío. Análisis culturales e históricos* (pp. 55-91). S./l.: Diputación Provincial de Huelva.

Murphy, Michael D., González Faraco, J. (2002). Masificación ritual, identidad local y toponimia en el Rocío. En Michael D. Murphy y J. Carlos González Faraco (Eds.), *El Rocío. Análisis culturales e históricos* (pp. 93-111). S./l.: Diputación Provincial de Huelva.

Núñez Roldán, Francisco (1987). *En los confines del reino. Huelva y su tierra en el siglo XVIII*. Sevilla: Universidad de Sevilla.

Ojeda Rivera, Juan Francisco (2023). *Organización del territorio en Doñana y su entorno próximo (Almonte)*. Siglos XVIII-XX. Huelva: Editorial Niebla.

Díaz de la Serna, Santiago Padilla (2018). Un Traslado inédito de la Virgen del Rocío en 1896. *ABC de Sevilla*, edición de 19 de Agosto de 2018.

Díaz de la Serna, Santiago Padilla (2010). *Rocío, Sal y Sol de Andalucía*. Huelva: Hergé Editora Andaluza.

Penteado, Pedro (2000). Peregrinações e Santuários. In João Francisco Marques e António Camões Gouveia (coords), *História Religiosa de Portugal*, dirigida por Carlos Moreira Azevedo, vol. 2 (pp. 346-359). Lisboa: Círculo de Leitores. <http://hdl.handle.net/10400.14/13491>.

Reis, Pe. Jacinto dos (1967). *Invocações de Nossa Senhora em Portugal de Aquém e Além Mar e seu Padroado*. Lisboa: Tipografia da União Gráfica.

Sanchis, Pierre (1999 [1983]). *Arraial: Festa de um Povo*. As romarias portuguesas, 2.ª edição. Lisboa: Publicações Dom Quixote. <https://books.openedition.org/etnograficapress/5777>.

Santos, Marco Sousa (2021). *Breve história das Confrarias, Irmandades e Mordomias de Loulé na Idade Moderna (séculos XVI, XVII e XVIII)*. Loulé: Câmara Municipal de Loulé — Arquivo Municipal de Loulé.

Simões, João Miguel (2012). *História Económica, Social e Urbana de Loulé*. Loulé: Arquivo Municipal de Loulé.

Siurot Rodríguez, Manuel (2021). *La Romería del Rocío y miscelánea de otros textos rocieros* [según edición de la realizada en el año 2002 por el profesor Llerena Baizán]. Sevilla: Hermandad Matriz Ntra. Sra. del Rocío de Almonte y Padilla Libros Editores & Libreros.

Siurot, Manuel (1918). *La Romería del Rocío*. Huelva: Imp. A. Plata.

## ANEXO DOCUMENTAL

**Anexo documental n.º 1 – Relação dos traslados da Virgen del Rocío para Almonte (1589-2019)**. Fonte: Muñoz Bort, Flores Cala, y Coronel Cáceres, 2021, pp. 176-179.

| Ano do Traslado | Motivo        | Data da vinda | Data do regresso |
|-----------------|---------------|---------------|------------------|
| Século XVI (1)  |               |               |                  |
| 1589            | Geadas e seca | Desconhece-se | Desconhece-se    |

| Século XVII (8)   |                     |                             |                           |
|-------------------|---------------------|-----------------------------|---------------------------|
| 1607              | Seca                | Provavelmente a 22 de Abril | Provavelmente a 6 de Maio |
| 1636              | Seca                | Última semana de Março      | Desconhece-se             |
| 1638              | Seca                | Meados de Abril             | Desconhece-se             |
| 1649              | Epidemia de peste   | Inícios de Abril            | Desconhece-se             |
| 1653              | Seca                | 26 de Abril                 | Desconhece-se             |
| 1675              | Seca e frio intenso | Desconhece-se               | Desconhece-se             |
| 1678              | Ameaça de peste     | Finais de Outubro           | Desconhece-se             |
| 1694              | Seca                | 12 de Abril                 | Desconhece-se             |
| Século XVIII (20) |                     |                             |                           |
| 1700              | Seca                | Finais de Abril             | Desconhece-se             |
| 1703              | Seca                | Meados de Abril             | Desconhece-se             |
| 1706              | Guerra da Sucessão  | Finais de Junho             | Desconhece-se             |
| 1709              | Seca                | Finais de Julho             | Desconhece-se             |

|             |                     |                     |                                            |
|-------------|---------------------|---------------------|--------------------------------------------|
| <b>1711</b> | Seca                | Meados de Abril     | Desconhece-se                              |
| <b>1720</b> | Seca                | Inícios de Março    | Desconhece-se                              |
| <b>1726</b> | Seca                | Finais de Novembro  | Desconhece-se                              |
| <b>1730</b> | Seca e enfermidades | 16 de Abril         | 7 de Maio                                  |
| <b>1734</b> | Seca                | Inícios de Março    | Desconhece-se                              |
| <b>1737</b> | Seca                | 26 de Fevereiro     | 22 de Março                                |
| <b>1738</b> | Seca                | 22 de Fevereiro     | 13 de Abril                                |
| <b>1738</b> | Seca                | 30 de Abril         | 20 de Maio                                 |
| <b>1738</b> | Seca                | 26 de Maio          | Inícios de Julho                           |
| <b>1744</b> | Epidemia de peste   | Desconhece-se       | Desconhece-se                              |
| <b>1750</b> | Seca                | 9 de Março          | 14 de Maio                                 |
| <b>1752</b> | Seca                | Desconhece-se       | Desconhece-se                              |
| <b>1753</b> | Seca                | 7 de Janeiro        | Desconhece-se                              |
| <b>1755</b> | Terramoto de Lisboa | Inícios de Novembro | Desconhece-se;<br>provavelmente em<br>1758 |

|                        |                                                               |                    |                          |
|------------------------|---------------------------------------------------------------|--------------------|--------------------------|
| <b>1760</b>            | Epidemia de malária                                           | Meados de Agosto   | Desconhece-se            |
| <b>1793</b>            | Seca                                                          | Desconhece-se      | Desconhece-se            |
| <b>Século XIX (11)</b> |                                                               |                    |                          |
| <b>1804</b>            | Seca                                                          | Desconhece-se      | Desconhece-se            |
| <b>1807</b>            | Seca                                                          | 22 de Fevereiro    | Desconhece-se            |
| <b>1809</b>            | Perigo de invasão por parte das tropas francesas              | 11 de Janeiro      | Desconhece-se            |
| <b>1824</b>            | Fortes chuvas                                                 | Desconhece-se      | Desconhece-se            |
| <b>1835</b>            | Fortes chuvas                                                 | Desconhece-se      | Desconhece-se            |
| <b>1851</b>            | Seca                                                          | 14 de Dezembro     | Desconhece-se            |
| <b>1855</b>            | Acção de graças pelo fim da epidemia de cólera morbo asiático | Desconhece-se      | Desconhece-se            |
| <b>1859</b>            | Seca                                                          | Finais de Março    | Desconhece-se            |
| <b>1887</b>            | Acção de graças pelo fim da epidemia de cólera morbo asiático | Meados de Abril    | Desconhece-se            |
| <b>1890</b>            | Chuvas e frio intenso                                         | Inícios de Janeiro | Segunda quinzena de Maio |
| <b>1896</b>            | Seca                                                          | Meados de Abril    | Desconhece-se            |

| Século XX (19) |                                                                           |                                         |                                   |
|----------------|---------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------|-----------------------------------|
| <b>1902</b>    | Seca                                                                      | 25 de Junho                             | 3 de Agosto                       |
| <b>1903</b>    | Seca                                                                      | Finais de Abril                         | Antes da romaria anual de 1903    |
| <b>1905</b>    | Seca                                                                      | Finais de Fevereiro ou inícios de Março | Primeira semana de Junho          |
| <b>1907</b>    | Seca                                                                      | Inícios de Abril                        | Primeira quinzena de Maio         |
| <b>1912</b>    | Inauguração da energia eléctrica em Almonte                               | Entre 15 e 20 de Dezembro               | Primeira quinzena de Maio de 1913 |
| <b>1915</b>    | Restauração da ermida da <i>Virgen del Rocío</i>                          | 8 de Janeiro                            | 13 de Maio                        |
| <b>1919</b>    | Restauração do retábulo e do camarim da ermida da <i>Virgen del Rocío</i> | 14 de Novembro                          | Antes da romaria anual de 1920    |
| <b>1926</b>    | Fim da Guerra de Marrocos                                                 | 6 de Junho                              | 15 de Agosto                      |
| <b>1929</b>    | Seca                                                                      | 27 de Novembro                          | Dia da Ascensão                   |
| <b>1932</b>    | Acção de desagravo por causa de uma lei republicana                       | 2 de Março                              | 5 de Maio                         |
| <b>1939</b>    | Fim da Guerra Civil de Espanha                                            | 20 Agosto                               | 28 de Abril de 1940               |
| <b>1949</b>    | Reinauguração da paróquia de Almonte                                      | 20 Agosto                               | 18 de Maio de 1950                |

|                       |                                         |              |                    |
|-----------------------|-----------------------------------------|--------------|--------------------|
| <b>1956</b>           | Vários motivos                          | 20 Agosto    | 30 de Maio de 1957 |
| <b>1963</b>           | Construção do actual Santuário do Rocío | 16 de Junho  | 7 de Maio de 1964  |
| <b>1970</b>           | De sete em sete anos                    | 23 de Agosto | 20 de Maio de 1971 |
| <b>1977</b>           | De sete em sete anos                    | 21 de Agosto | 7 de Maio de 1978  |
| <b>1984</b>           | De sete em sete anos                    | 19 de Agosto | 19 de Maio de 1985 |
| <b>1991</b>           | De sete em sete anos                    | 20 Agosto    | 31 de Maio de 1992 |
| <b>1998</b>           | De sete em sete anos                    | 20 Agosto    | 16 de Maio de 1999 |
| <b>Século XXI (3)</b> |                                         |              |                    |
| <b>2005</b>           | De sete em sete anos                    | 20 de Agosto | 28 de Maio         |
| <b>2012</b>           | De sete em sete anos                    | 20 de Agosto | 12 de Maio         |
| <b>2019</b>           | De sete em sete anos                    | 20 de Agosto | 29 de Maio de 2022 |

**Anexo documental n.º 2 – Relação das procissões extraordinárias de Nossa Senhora da Piedade para Loulé (1733-1947).** Fonte: Aleixo, 2024a, pp. 134-135 e p. 138.

| Ano da procissão        | Motivo                                                | Data da vinda   | Data do regresso |
|-------------------------|-------------------------------------------------------|-----------------|------------------|
| <b>Século XVIII (2)</b> |                                                       |                 |                  |
| <b>1733</b>             | Seca                                                  | Finais de Março | Desconhece-se    |
| <b>1750</b>             | Seca                                                  | 17 de Março     | Desconhece-se    |
| <b>1773</b>             | Seca                                                  | Desconhece-se   | Desconhece-se    |
| <b>Século XIX (5)</b>   |                                                       |                 |                  |
| <b>1835</b>             | Demonstração de júbilo por causa de um casamento real | 1 de Fevereiro  | 8 de Fevereiro   |
| <b>1849</b>             | Seca                                                  | 9 de Março      | Desconhece-se    |
| <b>1856</b>             | Tremor de terra                                       | 12 de Janeiro   | 12 de Janeiro    |
| <b>1896</b>             | Seca                                                  | 20 de Abril     | Desconhece-se    |
| <b>1899</b>             | Seca                                                  | 7 de Maio       | Desconhece-se    |
| <b>Século XX (1)</b>    |                                                       |                 |                  |
| <b>1947</b>             | 30.º aniversário das «aparições de Fátima»            | 24 de Dezembro  | 25 de Dezembro   |